

ÍNDICE

INTRODUÇÃO	9
1. A FILOSOFIA ATRAVÉS DAS SUAS GRANDES QUESTÕES	19
1.1. Dois guias: Immanuel Kant e Bertrand Russell.....	21
1.2. As grandes questões kantianas da filosofia e a sua interpretação em questão	26
1.3. Uma questão-piloto, uma questão prévia e uma questão de valor ...	29
2. TRÊS QUESTÕES DE QUESTÕES DA FILOSOFIA.....	39
2.1. «Que posso saber?» Questões sobre o conhecimento.....	41
2.1.1. Algumas questões a partir das respostas	41
2.1.2. Que escondem as nossas palavras comuns? Os universais.....	49
2.2. «Que devo fazer?» Questões de pensamento ético	58
2.2.1. Que mais escondem as nossas palavras comuns? Os valores.....	58
2.2.2. Entre a ética das virtudes e a ética da empatia: uma analogia.....	66
2.3. «Que me é permitido esperar?» Questões sobre o futuro	73
2.3.1. Questões clássicas sobre o futuro.....	73
2.3.2. Questões do presente sobre o futuro	81
3. TRÊS QUESTÕES DE QUESTÕES SOBRE A FILOSOFIA.....	89
3.1. A filosofia e a sua história	91
3.1.1. Filosofia sem ou com história?	91
3.1.2. A diacronia das questões filosóficas	102

3.2. A filosofia e as suas divisões	116
3.2.1. A pluralidade de disciplinas	116
3.2.2. A filosofia e as outras disciplinas	123
3.2.3. A pluralidade de correntes filosóficas.....	128
3.3. A filosofia e o discurso.....	132
3.3.1. A questão da fala.....	132
3.3.2. A questão da escrita	140
3.3.3. A questão da inteligência artificial.....	146
BIBLIOGRAFIA	157
ÍNDICE ONOMÁSTICO	167

INTRODUÇÃO

Este livro é uma introdução à filosofia e uma reflexão sobre a filosofia. A docência na disciplina de O Estudo da Filosofia, ao serviço da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, foi a oportunidade que motivou a autora a abordar a filosofia nestas duas vertentes. Por um lado, como introdução à filosofia, o livro tem naturalmente um carácter elementar, ou, como talvez seja preferível dizer, um carácter «aperitivo» (usando uma metáfora gastronómica), isto é, apresenta os elementos da filosofia como questões de aprofundamento em aberto. Esta foi a opção metodológica. A recorrente citação de textos de autor é também um convite a lê-los, porque os autores, por situado e datado que seja muito daquilo que dizem, permanecem sempre como referências disponíveis do pensamento filosófico. Por outro lado, como reflexão sobre a filosofia, o livro exprime a experiência de várias décadas de convívio da autora com a filosofia, e não se exime a enfrentar questões difíceis da filosofia, e sobre a filosofia, balizando as principais possibilidades de resposta. Por vezes, tomando posição fundamentada. É que a filosofia levanta questões, não para as resolvermos de uma vez por todas, mas para decidirmos as nossas respostas dentro das questões, de forma reflectida e fundamentada, a partir do ponto de vista particular e situado de cada um de nós, porque essas respostas importam para a consciência da nossa presença e agência no mundo.

*

A pergunta inevitável à partida é esta: o que é a filosofia? É uma pergunta análoga àquela que se faz na apresentação de qualquer disciplina: por exemplo, o que é a física? O que é a psicologia? O que é a matemáti-



ca?... Responde-se a estas perguntas, desde logo, pela circunscrição de um objecto específico: a física é o estudo da natureza, ou da matéria, ou dos fenómenos físicos; a psicologia é o estudo dos fenómenos psíquicos, ou da mente; a matemática é o estudo do número e demais objectos abstractos que entram no seu âmbito; ... Todas as ciências particulares se caracterizam pela delimitação de objectos específicos. Quer isto dizer que as ciências particulares partem da consideração dos seus objectos, como um dado, não como um problema. No caso da filosofia não é assim. Saber qual é o seu objecto não é um dado, é um problema. Assim, a pergunta – o que é a filosofia? – transforma-se logo noutra: qual é o objecto da filosofia? Para a filosofia se distinguir das ciências, é preciso que o seu objecto se distinga dos objectos das ciências. Quer isso dizer que a filosofia não se interessa pelos objectos das diversas ciências? Por a física estudar a natureza e a matéria, não pode a filosofia interessar-se pela natureza e pela matéria? Por a psicologia estudar a mente, não pode a filosofia interessar-se pela mente? Por a matemática estudar os números, as figuras geométricas e outros conceitos operativos no seu âmbito, não pode a filosofia interessar-se pelos objectos abstractos da matemática? Não, não é assim. O desenvolvimento autónomo das ciências não impede o interesse da filosofia pelos mesmos objectos. Aquilo a que assistimos, é à formação de múltiplas disciplinas intra-filosóficas que partilham os mesmos objectos das ciências, como a filosofia da natureza, a filosofia da mente, a filosofia da matemática, etc.. Assim, o desenvolvimento científico da física nunca obistou a que a filosofia da natureza se conservasse como um domínio de interesse incontornável da filosofia, tal como não esgotou ainda as respostas à questão filosófica de saber o que é a matéria. Também o desenvolvimento científico da psicologia não impediu a constituição de uma disciplina filosófica, como a filosofia da mente. Também o desenvolvimento das ciências matemáticas não obistou à existência da filosofia da matemática, que pensa o modo do conhecimento matemático e a essência dos objectos matemáticos. Poderíamos prosseguir no rol dos exemplos. A filosofia partilha dos objectos de todas as ciências, distribuindo por eles os seus interesses. Quer isso dizer que o objecto da filosofia é um objecto disseminado por todas as ciências particulares? Mas, então, como é que a filosofia se distingue da ciência?

Assim a pergunta – o que é a filosofia? – transforma-se agora noutra: como é que a filosofia se distingue da ciência? Com efeito, a resposta a esta pergunta tem-se tornado frequentemente numa forma de responder à pergunta inicial. Trata-se da forma de definir a filosofia por oposição, ou contraste, com a ciência. Esta forma de definir a filosofia tem-se imposto com



1.1. DOIS GUIAS:

IMMANUEL KANT E BERTRAND RUSSELL

Se o questionamento filosófico provém do espanto que sentimos quando reparamos em algo que nos tinha antes passado despercebido, então não há limites para a quantidade de questões filosóficas que possamos colocar sobre a realidade. Qualquer parcela de realidade pode suscitar a nossa curiosidade filosófica. Assim nasceram as ciências: com a filosofia, a partir do espanto originante da filosofia. As questões filosóficas, que o espanto com a realidade pode suscitar, são as mesmas que estão na origem das ciências. Podemos, pois, dizer que as ciências nasceram com a filosofia e a partir dela. Mas as ciências recortaram, no amplo panorama da realidade, os seus respectivos objectos específicos de estudo. E assim tornaram-se ciências particulares. As ciências também desenvolveram metodologias próprias, experimentais e matemáticas, pelas quais se autonomizaram progressivamente da filosofia. Mas a autonomia e o progresso das ciências nunca secou a nossa curiosidade filosófica. Por isso, a filosofia continua a interessar-se pelos avanços das ciências no conhecimento dos respectivos objectos e pelo modo do conhecimento científico: é o âmbito da parte da filosofia que constitui a filosofia das ciências. Para mais, o conhecimento científico não esgota a nossa curiosidade filosófica. Há domínios de realidade em que a ciência não entra, por dificuldade, ou mesmo por impossibilidade, de aplicar as suas metodologias próprias. São domínios como: o da ética e dos valores, onde se dá o discernimento entre o bem e o mal e onde se joga o sentido da existência; ou o domínio da religião, onde, para



além de valores éticos, está em causa o valor do sagrado e um sentido de transcendência; ou, ainda, o domínio da arte, onde, para além do valor da utilidade, há um sentido de criação norteado por valores estéticos. Assim, para além da ciência, a filosofia não pode deixar de distribuir o seu interesse pela ética, pela religião e pela arte. Considerando a amplitude dos interesses da filosofia, é de reiterar a consequência há pouco extraída do espanto filosófico: não há limites para a quantidade de questões filosóficas que possamos colocar sobre a realidade. Assim sendo, importa organizar, ordenar, as questões já pensadas pela filosofia. Mas importa organizar as questões filosóficas: porquê? A fim de que a filosofia não apareça como uma multiplicidade avulsa e caótica de perguntas. Tal aparência entraria em discordância com o órgão próprio da filosofia: a razão. Organizar, ou ordenar, é a função própria da razão. Por isso, organizar a multiplicidade imensa e aberta das questões filosóficas é uma exigência da razão que é própria da filosofia. Houve filósofos que já procuraram satisfazer essa exigência da razão filosófica, como Immanuel Kant (1724-1804) e Bertrand Russell (1872-1970). Vamos aprender um pouco com eles.

*

Na sua incontornável obra, *Crítica da Razão Pura* (1ª ed., 1781; 2ª ed., 1787), Immanuel Kant formula aquelas que considera ser as três interrogações fundamentais da razão filosófica:

«Todo o interesse da minha razão (tanto especulativa como prática) concentra-se nas seguintes três interrogações:

1. *Que posso saber?*
2. *Que devo fazer?*
3. *Que me é permitido esperar?»¹⁴*

A primeira questão – *Que posso saber?* – é aquela a que Kant procura responder na mesma obra *Crítica da Razão Pura*. De acordo com a sua resposta, as possibilidades do conhecimento humano ficam muito aquém de alcançar os fins que orientam a razão pura, como sejam: saber se Deus existe e se existe uma vida futura. A segunda questão – *Que devo fazer?* – é

¹⁴ Immanuel Kant, *Crítica da Razão Pura* (KrV, B 832 – B 834), tradução de Manuela Pinto dos Santos e Alexandre Fradique Morujão, introdução e notas de Alexandre Fradique Morujão (Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, ²1989), pp.[639-640].



3.1. A FILOSOFIA E A SUA HISTÓRIA

3.1.1. FILOSOFIA SEM OU COM HISTÓRIA?

Quem se dedica ao estudo e ao ensino da filosofia não pode deixar de reflectir filosoficamente sobre a sua actividade, confrontando-se com os problemas e as contradições internas que essa mesma ocupação lhe levanta nos tempos que correm. Ora há um conflito de fundo que sentimos com acuidade a respeito da filosofia. Vamos formulá-lo como uma antinomia, isto é, como uma questão que expõe uma contradição interna da própria filosofia: é aquela que opõe o estudo da filosofia por disciplinas temáticas ao estudo da filosofia pela sua história. Tese: a filosofia estuda-se através da análise directa de temas e problemas, abstracção feita da sua história. Antítese: a filosofia estuda-se através das filosofias existentes ao longo da sua história. Embora os currículos dos cursos de filosofia incluam disciplinas temáticas e disciplinas de história da filosofia, os agentes do ensino dos dois tipos de disciplinas disputam de facto entre si o próprio terreno da filosofia. Esta antinomia extremou-se de tal modo nos estudos universitários que a presença da história da filosofia se foi tornando residual, parcelar e lateral, senão mesmo ausente, no âmbito das áreas de estudo da filosofia⁶⁰. Em qualquer caso, foi-se instalando de forma indelével uma

⁶⁰ Basta consultar a oferta de estudos filosóficos em universidades de referência do mundo anglo-americano, para verificar esta tendência. Na U. Cambridge, a Faculdade de Filosofia apresenta como suas áreas fortes, a metafísica, a lógica e a linguagem, a filosofia da mente, a ética, a filosofia da matemática, a filosofia da ciência, a filosofia política e Kant, filósofo



separação organizacional entre os estudos de filosofia e os de história da filosofia, separação, essa, que obtém uma das faces mais visíveis na divisão curricular entre disciplinas temáticas e disciplinas históricas nos cursos de filosofia. No que concerne a tal divisão curricular, aquilo que de quando em quando se discute é a manutenção, ou não, das disciplinas históricas, isto é, a história da filosofia.

Duas obras de introdução à filosofia ilustram bem esta tendência: John Shand (Ed.). *Fundamentals of Philosophy* (Londres/ Nova Iorque: Routledge, 2003); Pedro Galvão (Org.). *Filosofia. Uma Introdução por Disciplinas* (Lisboa: Edições 70, 2016). As duas obras colectivas concebem a filosofia como um conjunto de disciplinas especializadas, e, em cada uma delas, foi chamado um/a especialista para elaborar a respectiva síntese disciplinar. A obra de John Shand contempla, em primeiro lugar, um conjunto de disciplinas temáticas clássicas – epistemologia, metafísica, lógica, ética –, ao qual sucede um conjunto intercalar de disciplinas de história da filosofia – filosofia antiga (de Tales a Aristóteles), filosofia medieval (de Agostinho a Nicolau de Cusa), filosofia moderna (séculos XVII e XVIII) –, ao qual sucede um conjunto de disciplinas temáticas contemporâneas – filosofia da mente, filosofia da linguagem, filosofia da ciência, filosofia política, estética, filosofia da religião –, e, por fim, um capítulo sobre «filosofia continental», isto é, tudo o que não é filosofia analítica, desde o idealismo alemão à fenomenologia, e que não se encaixa nas anteriores divisões disciplinares. A prioridade do

ao qual aparece assim reduzida a presença da história da filosofia. Na U. Stanford, o Departamento de Filosofia, que pertence à Escola de Humanidades e Ciências, caracteriza de forma muito similar as suas áreas fortes, a lógica e a filosofia da ciência, às quais acrescem, a teoria da acção, a ética e a filosofia política, a epistemologia, linguagem e mente, e, ainda, a história da filosofia, sobretudo a filosofia antiga e os estudos kantianos. Na U. Harvard, o Departamento de Filosofia tem um programa separado de doutoramento em Filosofia, e participa em programas doutorais combinados, como o de Filosofia Clássica e o de Filosofia Indiana, em colaboração, respectivamente, com os departamentos de Estudos Clássicos e de Estudos Sul-Asiáticos. Regressando ao Reino Unido, na U. Oxford, a Faculdade de Filosofia tem um MST em Filosofia Antiga, e, para além de participar em graduações combinadas com outros ramos do saber, organiza, no BPhil, as áreas de ensaios filosóficos possíveis em três grupos: grupo 1, filosofia teórica; grupo 2, filosofia prática; grupo 3, história da filosofia. Encontramos esta mesma estrutura tripartida a moldar a organização dos estudos também em universidades da Europa continental. Por exemplo, na U. Groningen, a Faculdade de Filosofia divide-se em três departamentos: o de Ética, Filosofia Social e Política; o de História da Filosofia; e o de Filosofia Teórica. De acordo com esta amostragem, a presença da história da filosofia tem-se tornado intermitente e compartimentada no âmbito dos estudos filosóficos.

